



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Criança, Mídia e Educação: Uma Relação que começa no Contexto Doméstico com a Mediação Familiar¹

Jacqueline Sobral²

PUC-Rio

Resumo

É cada vez maior o número de crianças no Brasil e em outros países que têm acesso à internet e a diferentes tecnologias, o que vem influenciando e modificando as suas formas de se relacionar com o mundo e transformando o próprio conceito de infância. O objetivo deste artigo é refletir sobre a presença das mídias no cotidiano da criança do século XXI, a partir do ambiente doméstico e da mediação familiar. Para isso, apresenta dados preliminares de um estudo qualitativo que foi realizado com 10 famílias e suas crianças pequenas, em seus lares, no Rio de Janeiro. Ao todo, foram ouvidos 17 adultos e 14 crianças.

Palavras-chave: Criança; Mídia; Mediação Familiar; Educação; Cotidiano.

1. INTRODUÇÃO

O cenário urbano contemporâneo vem desafiando as ciências sociais. Com a adoção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em suas práticas cotidianas, os indivíduos experimentam novos modos de interação e de pertencimento, baseados na espetacularização das banalidades do dia a dia, na visibilidade e na conexão sem pausa (SIBILIA, 2016). A midiatização das relações sociais (SODRÉ, 2002) tornou-se objeto de investigação de pesquisadores que buscam compreender os seus impactos na vida dos sujeitos do século XXI.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 8, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutoranda em Educação pela PUC-Rio, Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP, Jornalista, membro do Grupo de Educação e Mídia (GRUPEM) da PUC-Rio e professora dos cursos de graduação e pós-graduação do IBMR-Grupo Laureate e da Unicarioca – jacqueline.sobral@gmail.com.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O Brasil está entre os países que mais compram *smartphones* – a atual crise econômica que enfrenta não parece ter abalado esse mercado. Uma pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas³ em abril deste ano prevê que até 2019 o país terá 236 milhões de aparelhos em uso: atualmente, são 198 milhões de celulares inteligentes, um crescimento de 17% em comparação ao levantamento de 2016. Segundo o estudo, atualmente são 162,8 milhões de *notebooks*, *tablets* e *desktops* em funcionamento.

É neste cenário que o número de crianças conectadas vem crescendo. No país, 23,4 milhões (79%) das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos são usuários de internet, de acordo com a Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil - Kids Online Brasil⁴, realizada de novembro de 2015 a junho de 2016 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). O levantamento informa que 85% dessas crianças utilizam o telefone celular para acessar a rede, e 21% usam o *tablet* com a mesma finalidade - o acesso principalmente por intermédio do *smartphone* já está disseminado no país por todas as classes sociais, ainda que a maioria tenha acesso limitado à rede, seja pela baixa velocidade, seja pelo alto preço pago pelo serviço, que limita significativamente o tempo do uso. Outro dado importante é que 75% acessam a internet em casa.

Quando o debate se concentra especificamente na relação das crianças com as tecnologias, de um lado, estão autores que alertam para riscos, *ciberbullying* e problemas de saúde desencadeados pelo uso excessivo desses dispositivos; do outro, o discurso privilegia as oportunidades de aprendizado que os meios de comunicação oferecem aos pequenos (BUCKINGHAM, 2007).

Com o objetivo de traçar um panorama da produção científica sobre criança e tecnologia no ambiente doméstico, Fernandes e Chagas-Ferreira (2017) fizeram uma consulta nas bases de dados disponíveis no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

³ Os dados estão disponíveis em: <<http://www.valor.com.br/empresas/4943034/brasil-tera-um-smartphone-por-habitante-ate-outubro-projeta-fgv>>. Acesso em 13 abr. 2018.

⁴ O levantamento é realizado periodicamente por um grupo de pesquisadores europeus e brasileiros – no Brasil, a pesquisa é promovida pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Os dados podem ser obtidos no site <http://cetic.br/pesquisa/kids-online/indicadores>. Acesso em 17 fev. 2018.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

(CAPES) do Ministério da Educação do Brasil, que oferece acesso a mais de 38 mil publicações periódicas, internacionais e nacionais, e a bases de dados que reúnem referências, resumos de trabalhos acadêmicos e científicos, teses, dissertações, entre outros materiais. Para isso, utilizaram os termos: “infância + tecnologia” e “*childhood + technology*”. Ao todo, encontraram somente 26 artigos que de fato tratavam do tema, a maioria nas áreas de psicologia, educação e sociologia, dos quais seis de caráter qualitativo, sete quantitativos, três com o uso de métodos mistos, sete teóricos e três com revisões de literatura. De acordo com as autoras, a maioria deles traz a escola como contexto, enquanto apenas um artigo aborda a relação da criança com a tecnologia no ambiente familiar.

Quando o foco são crianças pequenas e a relação delas com as mídias, não é importante apenas entender o que elas pensam e fazem, mas também buscar a compreensão de como a mediação familiar atua nesse contexto, o que vem sendo pouco estudado, frente ao número crescente de pesquisas com uma perspectiva "medicalizada" sobre o uso da tecnologia pela criança (PLOWMAN, 2014) – com esse termo, a autora quer dizer que estudos sobre o tema tendem a abordar a utilização dos meios de comunicação e seus possíveis prejuízos à saúde dos futuros adultos. Ou seja, a ênfase é sempre em uma análise de risco:

As pesquisas sobre tecnologia e infância falham em analisar a complexidade da vida familiar e em oferecer a perspectiva da criança nesse ambiente. (...) Dada a proporção significativa de tempo que as crianças passam no ambiente doméstico, parece autoevidente que elas e suas famílias deveriam receber mais atenção dos pesquisadores do que recebem atualmente (PLOWMAN, 2014, p.2-3, *tradução nossa*).

Outra questão que merece destaque é o fato de que grande parte dessa literatura parece se debruçar na existência de uma infância homogênea, universal. Tal perspectiva ganha força com a transformação da criança em consumidora por um mercado crescente e global, que oferece desenhos animados, filmes, brinquedos e jogos padronizados (BUCKINGHAM, 2012). No entanto, pesquisas qualitativas vão contestar essa universalização dos modos de ser criança. É preciso estudar “infâncias”, no plural. (SARMENTO, 2004; QVORTRUP, 2010; PROUT, 2010) Em outras palavras, o cenário sociocultural, as relações familiares e a influência (ou não) da escola na relação da criança com as tecnologias precisam fazer parte da investigação – os usos que os pequenos fazem das mídias e como ressignificam os conteúdos midiáticos a que tem acesso são influenciados por esses fatores que não



podem ser descartados ou desconsiderados nas pesquisas. Com base nessa perspectiva, estudos vêm sendo desenvolvidos em diferentes países, por pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento (NEVSKI & SIIBAK, 2016; LIVINGSTONE et al, 2015; GALERA et al, 2016, PLOWMAN, 2014), mas ainda são minoria na literatura acadêmica sobre o assunto.

O objetivo deste artigo é se concentrar na importância da família como mediadora dessa interação da criança com os meios de comunicação no ambiente doméstico. Para isso, apresenta dados preliminares de uma pesquisa qualitativa que foi realizada no Rio de Janeiro junto a famílias com crianças de 3 a 6 anos, em um total de 17 adultos e 14 crianças, por meio de visitas domiciliares. O estudo empírico foi realizado de junho a dezembro de 2017.

2. A MEDIAÇÃO FAMILIAR (OU PARENTAL)

Os modos de consumo dos meios de comunicação no ambiente doméstico estão pulverizados. Enquanto no passado era comum membros de uma família se reunirem à noite em torno de um único aparelho de televisão, hoje pais e filhos assistem juntos a um filme na sala, ou a criança, embora fisicamente presente, se concentra no joguinho do *smartphone*, enquanto a mãe presta atenção no telejornal, ou cada um pode estar em um cômodo diferente da casa, interagindo com tecnologias e conteúdos diferentes. O leque de opções de utilização das mídias foi ampliado, devido a características como interatividade, velocidade, ubiquidade e mobilidade (LOPES, 2008). Os usos não são iguais em todas as famílias, em todos os lares.

Nesse contexto, Warren (2001, p.212) define “mediação parental” como “qualquer estratégia que os pais usam para controlar, supervisionar ou interpretar conteúdos midiáticos para crianças”. Para este artigo, adotaremos o conceito de “mediação parental” e “mediação familiar” como sinônimos.

Embora ainda haja poucos dados empíricos sobre o tema (NIKKEN; SCHOLS, 2015), a mediação familiar da interação da criança com a tecnologia vem sendo alvo de estudos em diferentes países, com destaque para a Europa, por pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento (LIVINGSTONE et al, 2015; GALERA et al., 2016; NEVSKI & SIIBAK, 2016).

Em 1985, Singer e Singer, junto com outros pesquisadores, realizaram uma pesquisa com 91 crianças, de 5 e 6 anos de idade, e seus pais (DESMOND, SINGER et. al, 1985) para compreender como a mediação familiar opera na relação da criança com a televisão. Para isso, pediram a pais que



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

fizessem durante dez dias um registro das atividades de lazer dos filhos dentro de casa (leitura, uso de videogame, brincadeiras, etc.), das 6h30 às 11h30, incluindo quantidade de tempo diante da TV e programas assistidos. Além disso, submeteram a família (pais e filhos) a um questionário sobre a interação entre eles, abordando uma variedade de situações, como passeios ao shopping, idas a médicos, assim como regras estabelecidas às crianças sobre o uso da televisão, e conversas relacionadas aos conteúdos televisivos e o nível educacional dos pais. A segunda etapa foi um estudo empírico com observação em laboratório de cada família assistindo à TV e a aplicação de um teste com as crianças para a avaliação de seu reconhecimento de leitura, compreensão e conhecimentos gerais, que incluía também questões sobre personagens de filmes, como o super-homem. Uma das principais conclusões da pesquisa foi que o entendimento das crianças sobre os conteúdos televisivos, como o que é fantasia e o que é "realidade", assim como o tempo que passam na frente da tela, está claramente ligado à mediação parental. "A criança que [...] assiste a uma quantidade relativamente grande de televisão parece ter crescido em uma família que demonstra ter fortemente esse hábito, pouca mediação geral e poucos métodos psicológicos de disciplina" (DESMOND, SINGER et. al., 1985, p.476).

Especificamente sobre tecnologias *touchscreen*, estudos indicam que o grau de familiaridade da criança com esses dispositivos provavelmente depende das atitudes de seus pais; os usos que ela faz sofrem a influência das opiniões deles sobre o potencial educacional dos aparatos (CHIONG e SHULER, 2010). Algumas pesquisas empíricas sugerem diversos motivos que estimulam adultos a darem esses equipamentos para os filhos: muitos acreditam estar oferecendo oportunidades que eles não tiveram na infância; alguns alegam propósitos educacionais ou de entretenimento; alguns querem ocupar o tempo das crianças em lugares públicos, ou enquanto estão fazendo uma atividade e não podem dar atenção aos pequenos; outros usam a tecnologia digital como um prêmio por bom comportamento (NEVSKI, 2016). Há casos de pais que defendem o uso de computadores e videogames como ferramentas importantes de aprendizagem, enquanto o *smartphone* é visto com desconfiança: "essas percepções são baseadas na compreensão dos pais, ainda em desenvolvimento, sobre o que seus filhos devem fazer com a mídia digital em certas idades", avalia Takeuchi (2011, p.5), que coordenou nos Estados Unidos, a partir do *The Joan Ganz Cooney Center*, um *survey* em 2010 com mais de 800 pais de crianças de 3 a 10 anos de idade sobre como esses adultos se sentem sobre criar seus filhos em uma era digital, depois de um estudo de caso com quatro meninas (três de 8 anos, e uma de 7 anos) em



Los Angeles, no ano anterior.

Com base em uma pesquisa exploratória qualitativa, realizada com 9 famílias, com crianças entre 3 e 7 anos de idades, em Madri, Galera, Matsumoto e Poveda (2016) afirmam que, neste novo contexto de interação com dispositivos digitais, o fato dos diferentes membros da família estarem lidando com uma cultura nova para todos leva a práticas de aprendizagem que não se estruturam necessariamente em torno de idades e de papéis familiares tradicionalmente constituídos. Uma das conclusões do estudo é que as atividades digitais das crianças são complementares e interdependentes das tarefas e papéis assumidos por outros membros da família: (...) as tecnologias digitais são relatadas como intimamente ligadas aos arranjos de cuidados das crianças em suas casas e as múltiplas exigências e tarefas que os familiares da casa devem enfrentar como parte da vida diária da família”. (GALERA; MATSUMOTO; POVEDA, 2016, p.315)

O conceito de mediação familiar é, portanto, fundamental para o estudo dos usos que as crianças pequenas fazem das mídias, pois, ao que tudo indica, o olhar dos pais sobre os benefícios (ou não) desses meios de comunicação, assim como os seus próprios hábitos tecnológicos, influencia o tipo de tecnologia que elas usam, o tempo dedicado a essa interação e os conteúdos que são consumidos e/ou produzidos por elas. Nosso objetivo é justamente compreender esse fenômeno.

3. A METODOLOGIA DO ESTUDO EM ANDAMENTO

O pequeno Lucas⁵, de 1 ano e 9 meses, assiste fascinado às aventuras dos palhaços *Patati Patatá*, na tela grande da televisão do quarto, conectada ao *Netflix*. Depois de um tempo, decide que quer se juntar aos seus irmãos mais velhos, um de 6 anos e outro de 3. Ele, sozinho, busca o controle remoto em cima da mesinha e aperta a tecla *off*. Mesmo ainda muito pequeno, já observou que os adultos sempre desligam a televisão quando não querem mais usá-la – os pais alegam que nunca ensinaram a Henrique a repetir esse comportamento.

Embora nossa pesquisa tenha como público-alvo famílias com crianças de 3 a 6 anos, o menino de quase dois anos interagiu ativamente com a pesquisadora, junto com os irmãos. Do total de lares visitados, 8 ficam no município do Rio (2 na Zona Norte da cidade; 4 na Zona Sul e 2 na Zona Oeste)

⁵ Adotamos pseudônimos para preservar a privacidade das crianças e adultos que participaram da pesquisa.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

e 2 em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. A escolha dos participantes da pesquisa foi realizada a partir de indicações de membros do Grupo de Pesquisa Educação e Mídia (GRUPEM) da PUC-Rio e da própria rede de conhecidos da pesquisadora, com o objetivo foi reduzir a possível resistência das pessoas em aceitar o convite para participar do estudo. As visitas tiveram uma duração média de cerca de 3 horas – apenas em um caso a permanência foi de menos de duas horas, por conta de compromissos assumidos pela dona da casa.

Em todas as famílias pesquisadas, o arranjo familiar é o tradicional: mãe, pai e filhos. Em 8 das 10 visitas realizadas, todos os adultos responsáveis pelos lares participaram das entrevistas e interagiram com a pesquisadora, assim como as crianças cuja faixa etária foram alvo do estudo. A maioria das visitas (7 das 10) se deu em finais de semana, já que aos sábados e domingos havia mais disponibilidade dos pesquisados para receber a pesquisadora, e nos períodos da manhã e da tarde. Apenas uma das famílias pesquisadas mora em uma casa de vila – todas as outras vivem em edifícios.

Durante os encontros, cinco técnicas foram utilizadas. Com a criança, observação participante, entrevista aberta operativa (registrada em áudio ou vídeo), acerca de seus hábitos de lazer cotidianos, brincadeiras prediletas e uso de mídias, e o registro fotográfico pela criança de “seus lugares preferidos em casa”, com o uso do *smartphone* da pesquisadora. Além disso, para facilitar a comunicação com as crianças, nas entrevistas foram utilizados cartões de imagens de equipamentos eletrônicos, brinquedos e atividades que normalmente fazem parte da rotina de uma criança, semelhantes aos adotados por Galera, Matsumono e Poveda (2016), no estudo realizado em Madri. Ao todo, são dez figuras: 1) uma boneca; 2) praia (cenário comum em uma cidade como o Rio de Janeiro); 3) carrinhos de brinquedo; 4) duas crianças jogando futebol; 5) criança jogando vídeo game; 6) *tablet*; 7) pessoas brincando em uma piscina; 8) crianças brincando em balanços de um parque; 9) computador *desktop*; e 10) canetas, lápis de cor, tesouras e colas. Como o *smartphone* está sempre com a pesquisadora, não foi preciso fazer um cartão com uma imagem desse dispositivo. Com os adultos, foi utilizada a entrevista em profundidade estruturada, primeiro sobre hábitos tecnológicos e dia a dia da família em casa e, depois, especificamente sobre o cotidiano dos filhos.

Em todos os casos, as visitas foram iniciadas com uma conversa com os adultos das famílias sobre os detalhes da pesquisa e um pedido formal de autorização de participação das crianças. Foi entregue também a eles um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e um termo de



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

assentimento (TA), aprovados pela Comissão de Ética da PUC-Rio. Somente após o consentimento e a assinatura dos documentos é que a coleta de dados foi iniciada em cada uma das casas.

Os dados obtidos na pesquisa estão sendo analisados com a técnica de análise de conteúdo (AC) com o uso do programa ATLAS.ti. O objetivo é fragmentar os textos — as fotos e as entrevistas — em unidades de análise e, depois codificá-las, descrevê-las e interpretá-las (GARCEZ; DUARTE; EISENBERG, 2011, P.257). Para a análise dos dados colhidos na pesquisa de campo, recorreremos à nomenclatura estabelecida pela rede *EU Kids Online* que define cinco tipos principais de mediação parental (LIVINGSTONE et al 2015): mediação ativa (que envolve a discussão dos adultos com a criança sobre os conteúdos midiáticos e a participação deles nas atividades); mediação de segurança (aconselhamento e orientação da criança sobre uma gestão de riscos); mediação de restrições (em que os pais estabelecem regras de limite de tempo para o uso das tecnologias, ou proíbem o acesso a determinados conteúdos); mediação técnica (utilização de filtros e de controle nos próprios equipamentos para que a criança não tenha acesso a determinadas mídias ou conteúdos, ainda que tente) e mediação de monitoramento (em que os adultos verificam as tecnologias após o uso da criança).

4. OS PRIMEIROS DADOS COLETADOS

Todas as crianças que participaram da pesquisa utilizam diariamente algum dispositivo tecnológico, cenário em que o *smartphone* aparece como um dos preferidos; seus pais também são usuários frequentes de tecnologias no âmbito doméstico - enquanto o consumo de conteúdos da televisão varia de uma casa para a outra, todos dizem usar os *smartphones* em casa diariamente, o que já suscita a hipótese de que a curiosidade dos pequenos acerca desse dispositivo é despertada pelo próprio comportamento da família. Uma das mães contou que liga a televisão assim que chega em casa do trabalho, deixando o aparelho ligado para “fazer companhia”; uma outra mãe relatou que seu marido joga no vídeo game e no celular frequentemente.

Todos os adultos ouvidos usam expressões de exagero e hipérboles para falar sobre o seu próprio consumo de *smartphone*: “o dia inteiro”, “o tempo todo”, “vicia muito”, “celular é muito viciante”, “a gente faz tudo pelo celular”, “uso o celular mil vezes, o dia inteiro” – depoimentos de pessoas diferentes. No entanto, a fala é em um tom de naturalidade.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Por outro lado, 8 famílias apontam o uso excessivo como o principal perigo da relação dos filhos pequenos com os dispositivos tecnológicos. E outro dado interessante é que, dessas 8 famílias que falam em excesso de uso de TICs pelas crianças, 6 afirmam oferecer os dispositivos tecnológicos aos filhos como *baby sitter*, seja no próprio ambiente doméstico, ou em locais públicos como restaurantes e consultórios médicos, com destaque para o smartphone e, em alguns casos, o *tablet*. Esse hábito nos leva a outra constatação. Entre os motivos que levam os pais a permitir ou incentivar a interação das crianças com dispositivos tecnológicos, o entretenimento aparece em primeiro lugar. Em outras palavras, é possível perceber em todos os casos que há um descompasso entre o discurso de preocupação com o uso excessivo de dispositivos tecnológicos pelas crianças e a prática cotidiana de limitar essa utilização. Um resultado semelhante foi encontrado na pesquisa de Cabral (2016), no âmbito da psicologia clínica. Uma de suas conclusões é que os adultos oferecem o aparelho para as crianças, mas depois encontram dificuldade de gerenciar a situação:

(...) com base no que foi descrito pelos participantes da nossa pesquisa, bem como comprovado com a literatura existente sobre o assunto, que as famílias utilizam de fato as TICs para o gerenciamento do lar, e os *smartphones* estão entre os aparelhos incorporados no cotidiano de todos os membros, facilitando a comunicação e também trazendo algumas preocupações para os responsáveis (CABRAL, 2016, p.70).

Outro dado que a nossa pesquisa mostrou é que entre a televisão e o *smartphone*, os adultos preferem que os pequenos tenham mais acesso à primeira opção – nenhum deles verbalizou essa escolha, mas ao longo das entrevistas, foi possível perceber que o contato das crianças com a TV é visto de uma forma mais “natural” do que a interação delas com o celular. Essa percepção foi reforçada pelo fato de que, durante as visitas, as crianças de quatro famílias ou estavam assistindo à televisão quando a pesquisadora chegou, ou ligaram o aparelho enquanto o estudo estava sendo realizado.

Apenas uma mãe ouvida pela pesquisa disse, de maneira espontânea, ter consciência de que os seus próprios hábitos em relação à tecnologia influenciam o interesse e a curiosidade da filha pelos dispositivos. No entanto, revelou que seu esforço é em vão, pois durante a semana a babá tem o hábito de mostrar à criança as fotos do gato dela armazenadas no *smartphone*. “Às vezes, eu e meu marido descobrimos fotos estranhas no celular. Melissa pega sem a gente ver e tira fotos”, conta Amanda. Durante a visita à sua casa, a menina brincou com uma grande casa de pano. Ao ser questionada sobre as figuras dos cartões, ela não reconheceu o *tablet* ou o computador, mas comentou em um tom alto ao ver o *smartphone* da pesquisadora: “é um celular!” De repente, parou de brincar e pediu à mãe para



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

assistir à “Mosha e o urso” na televisão, um desenho animado disponível no *Netflix*. Elisa, então, se aquietou no sofá, atenta à grande tela.

As estratégias de mediação dos pais na interação das crianças com a televisão, o celular, o computador e o *tablet* variam de uma casa para a outra e em um único lar mais de um tipo de mediação pode ser adotado, dependendo da situação, conforme indicado por outras pesquisas (MAIDEL; VIEIRA 2005). O único padrão nesse sentido que encontramos até agora no discurso dos adultos foi a ausência de uma mediação ativa, em que pais orientam e conversam com as crianças pequenas sobre o que elas fazem. As primeiras análises indicam que a mediação restritiva é a que aparece com mais frequência: pais buscam limitar o tempo que as crianças pequenas passam interagindo com as tecnologias de comunicação, mas as regras desse controle parecem incertas. Já na interação com as crianças um dado significativo surgiu na maioria das famílias visitadas: ao serem questionadas pela pesquisadora sobre seus brinquedos e atividades preferidas, com a ajuda dos cartões com imagens, nenhuma delas citou ou foi buscar um dispositivo tecnológico para responder à pergunta, embora tenham mostrado familiaridade com *smartphones* e aparelhos de televisão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Silverstone, Hirsch e Morley (2005) destacam a importância da estrutura familiar, com sua própria cultura e padrões de comportamento, como uma base para refletir sobre as formas de apropriação da tecnologia na privacidade doméstica. Segundo eles, dentro da esfera doméstica, os significados públicos e as crenças acerca da mídia e do consumo de informação estão abertos à negociação, "uma negociação definida e articulada a partir do que queremos (...) chamar de 'economia moral do lar'" (op.cit., p.15).

Para abordar a influência do espaço doméstico no uso das mídias, eles citam conceito de Kopytoff (1986) de que "coisas possuem biografias":

As tecnologias de informação e de comunicação definem algumas das principais rotas ao longo das quais são construídas as biografias de ideias e significados, informações e prazeres; mas elas próprias, como objetos e como coisas, têm suas próprias biografias à medida que elas também se tornam domesticadas por diferentes culturas de famílias e de lares. (SILVERSTONE; HIRSCH; MORLEY, 2005, p.15, *tradução nossa*).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Durante as visitas realizadas até agora em nossa pesquisa, as crianças estavam brincando ou apresentaram à pesquisadora brinquedos como bonecas, bolas, jogos de montar e livros – apenas um menino estava jogando videogame e assim permaneceu ao longo de todo o tempo. Em duas famílias, a própria pesquisadora foi convidada e participou de um jogo de adivinhação com as crianças. O interesse e o uso dos *smartphones* e da televisão se fez presente da mesma forma, mesmo que elas não tenham citado tais mídias na lista de “brinquedos”, ao serem questionadas sobre quais são suas brincadeiras preferidas. Uma das hipóteses é que, por terem acesso a esses equipamentos de maneira limitada pelos adultos, as crianças façam uma diferenciação entre “brinquedo é aquilo que posso usar quando quiser” e “tecnologia é o que posso usar somente se e quando o papai e/ou a mamãe deixam”.

Couto (2013) defende que as brincadeiras ao ar livre, como jogar bola, fazer castelos na areia não estão sendo esquecidas; com a cibercultura, essas atividades são integradas ou vivenciadas por meio de telas. "É preciso compreender o teor das mixagens, dos hibridismos que marcam a vida contemporânea. (...) existe um movimento incessante entre a vida online e a vida *offline*." (COUTO 2013: 910)

Assim como outros estudos sobre mediação familiar, a nossa pesquisa apresenta algumas limitações, como o fato de usar os relatos dos pais como uma de suas principais bases de análise do tema, pois não podemos testar a sua veracidade (NIKKEN; SCHOLS, 2015). Tentamos compensar essa restrição, no entanto, com a observação participante e a interação com a própria criança ao longo da visita, a partir de um aporte teórico que percebe a criança como um sujeito de autoria, que inicia sua participação na cultura participando de rotinas culturais de sua família e dá sentido ao que ouve e vê, modificando o mundo do adulto e criando o seu próprio mundo (CORSARO, 2011).

Mais do que olhar para os conteúdos que os meios de comunicação vêm disseminando, porém, é preciso compreender de que forma a família vem mediando essa interação da criança com as tecnologias, principalmente quando se trata de crianças pequenas. Por isso, é muito importante que mais pesquisas sejam desenvolvidas sobre o tema e com a participação das crianças e de suas famílias. A reflexão sobre a participação das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano doméstico é fundamental para a área de educação, pois o processo de aprendizado das crianças não se dá apenas nas escolas e de maneira formal.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Enquanto pais, educadores e pesquisadores debatem os benefícios e os malefícios do uso da tecnologia pelas crianças, elas se mostram muito à vontade com esses dispositivos. Afinal, elas já nasceram neste mundo digitalizado; a conectividade para elas é um elemento comum de sua cultura. (COUTO, 2013) O ato de classificar as mídias como “positivas” ou “negativas” só traz uma simplificação ilusória sobre o tema e minimiza a importância dos contextos e dos usos que as crianças fazem dos equipamentos. Ao refletir sobre este cenário, é preciso que os adultos abram mão também de uma saudade nostálgica da própria infância (BUCKINGHAM 2007), em que só existiam a bola, a boneca, o peão e as brincadeiras de rua. Os tempos mudaram.

Referências

BERKER, Thomas; HARTMANN, Maren; PUNIE, Yves; WARD, Katie. **Domestication of media and technology**. New York: Open University Press, 2006.

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BUCKINGHAM, David. Repensando a Criança-consumidora: novas práticas, novos paradigmas. In: *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, Ano 9, V. 9, n.25, p. 43-72, agosto de 2012.

CABRAL, M. S. Não esquece o celular: pais, filhos e smartphones. 2016. 87p. **Dissertação**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. PUC-SP.

CHIONG, Cynthia; SHULER, Carly. Learning: Is there an app for that? Investigations of young children’s usage and learning with mobile devices and apps. **The Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop**, 2010. Disponível em: <http://www.joanganzcooneycenter.org/publication/learning-is-there-an-app-for-that>. (28 nov. 2016).

CORSARO, William A. **Sociologia na infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTO, Edvaldo Souza. A infância e o brincar na cultura digital. **Perspectiva**, Florianópolis, v.31, n.3, p.897-916, set./dez. 2013.

DESMOND, R.J.; SINGER, J. L.; SINGER, D. G.; CALAM, R.; COLIMORE, K. Family mediation patterns and television viewing: young children’s use and grasp of the medium. **Human Communication Research**, V.11, n.4, Summer 1985, p. 461-480.

FERNANDES, Larissa Krüger; CHAGAS-FERREIRA, Jane Farias. Infância e tecnologia: um panorama metodológico das pesquisas qualitativas na área. **CIAIQ 2017**, p.667-676. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1385>>. Acesso em 26 jan. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

GALERA, N., MATSUMOTO, M., POVEDA, D. The place of digital devices in the home and family routines of young children (3–7) in Madrid. **Revista Media Education: Studi, Ricerche, Buone Pratiche**, 7(2), pág. 303–319, 2016.

HADDON, Leslie. Explaining ICT consumption: the case of the home computer. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric. (eds), *Consuming technologies: media and information in domestic spaces*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

LIVINGSTONE, S., & BOVILL, M. (Eds.). **Children and their Changing Media Environment: A European Comparative Study**. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

LIVINGSTONE, S., MASCHERONI, G., DREIER, M., CHAUDRON, S.; LAGAE, K. **How parents of young children manage digital devices at home: The role of income, education and parental style**. London: EU Kids Online, LSE, 2015.

LOPES, Anabela de Sousa. Novos media e domesticação. **Comunicação e Cidadania - Actas do 5o Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**, 6-9 set. 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho).

MAIDEL, Simone; VIEIRA, Mauro Luis. Mediação parental do uso da internet pelas crianças. **Psicologia em revista**. V.21, n.2, p.293-313, Belo Horizonte, ago. 2015.

NEVSKI, Elyna. Mediation practices of parents and older siblings in guiding toddlers' touchscreen technology use: an ethnographic case study. **Media Education - studi, ricerche, buone pratiche**, Vol. 7, n.2, 2016, p.320-340.

NEVSKI, E., & SIIBAK, A. The role of parents and parental mediation on 0-3-year olds' digital play with smart devices: Estonian parents' attitudes and practices. **Early Years An International Research Journal**, 1472-4421, 2016.

NIKKEN, Peter; SCHOLS, Marjon. How and why parents guide the media use of young children. **Revista Journal of Child and Family Studies**, n24, pág. 3423-3435, 2015.

PASSARELLI, Brasilina. Mediação da informação no hibridismo contemporâneo: um breve estado da arte. **Revista Ci.Inf.**, v.43, n.2, pág. 231-240, 2014.

PLOWMAN, Lydia. Researching Young Children's Everyday Uses of Technology in the Family Home. **Revista Interacting with Computers**. Volume 27, Issue 1, Pages 36–46, 2014.

PROUT. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Revista Cadernos de Pesquisa**. v. 40, n. 141, pág. 729-750, 2010.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Revista Educação e Pesquisa**. v.36, n.2, pág. 631-643, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: Sarmento, M.J; CERISARA, A.B. **Crianças e Miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa Editores, 2004.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric; MORLEY, David; Information and communication technologies and the moral economy of the household. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric. (eds), **Consuming technologies**: media and information in domestic spaces. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAKEUCHI, Lori M. Families matter: designing media for a digital age. **The Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop**, 2011. Disponível em: <http://www.joanganzcooneycenter.org/publication/families-matter-designing-media-for-a-digital-age/>. (28 nov. 2016).

WARREN, Ron. In words and deeds: parental involvement and mediation of children's television viewing. **The Journal of Family Communication**. 1(4), pág. 211-231, 2001.